



O resto e o riso

Para citar use a seguinte referência

Vieira, M. A. *O resto e o riso*. *Opção Lacaniana*, n. 60, São Paulo, EBP, dez 2011, pp. 193-201.

[Capa](#)

Marcus André Vieira

Este artigo resume a teoria lacaniana do objeto “a” como resto da constituição subjetiva, tal como proposto em seus Seminários 10 e 11. No entanto, em lugar de fazê-lo com base nas operações de alienação e separação, introduzidas por Lacan nestes seminários, optamos por trazer a função do objeto-resto a partir da distinção entre moral e ética empreendida em seu Seminário 7. O desejo, tal como Lacan o entende é sempre incompatível com o ego e por isso sempre, em seus termos, monstruoso. O texto se apoia a seguir em dois poemas de Manuel Bandeira para demonstrar como é possível dar lugar aos monstros do desejo sem recorrer à sua interdição ou à sua inclusão por domesticação.

Palavras-chave: desejo, gozo, ética, moral, objeto “a”, resto, riso.

The waste and the laughter

This paper explains the lacanian theory of the « a » object. It's definition by Lacan approaches it to the *wastes* of everyday life and a fundamental waste within de subject constitution as Lacan pointes out in his eleventh seminar. In this text we choose to bring out this theory form his seventh seminar, the one who put the relationship between ethic and moral into perspective. Our *desir* is full of little « monsters », meaning the part os our fantasies that are impossible to put toghether with our ego. Finally, we comment two poems of Manuel Bandeira to demonstrate what has been explained.

Key-word : desire, *jouissance*, ethics, moral, « a » object, waste, laghter

1.

Em seu sétimo seminário Lacan introduz uma nova ferramenta para o analista, a ética. O termo é de manuseio delicado, especialmente para os ouvidos de hoje treinados a tachar de obscurantismo tudo o que não se possa colocar em números.

É preciso definir. Para começar, ética e moral não serão sinônimos. Lacan abre o seminário com esta distinção, que faz da moral o conjunto das prescrições de conduta admitidas em uma época ou espaço coletivo determinado e da ética uma reflexão sobre a ação, sem necessariamente definição prévia de valores.

♦ Este texto retoma boa parte do desenvolvido na última aula do curso “Paixões em análise”, ministrado na EBP-Rio em 2010. O restante do curso, em seus aspectos mais diretamente relacionados ao tema dos afetos, foi retomado de forma resumida em “A letra e o elã” (*Latusa*, n. 15, Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2010).

A promoção da ética em detrimento da moral é sustentada pela própria experiência analítica, em muitos aspectos, segundo Lacan, um “retorno ao sentido da ação”, retorno ao significado do que fez o Outro conosco e como agimos sobre isto, para reformulá-lo, renegá-lo, ou endossá-lo, de modo a tornar possível, enfim, uma nova relação com nossas ações. Não é trabalho realizado no céu das ideias sem relação com a vida prática. Como toda ação humana se situa em um contexto simbólico, não há o agir puro, todo feito ganha inevitavelmente significado. Mais ainda no contexto de uma análise, na qual só há ações narradas. Toda definição sobre o sentido de uma ação será, ainda mais decisão, tomada de posição.

Uma *reflexão* sobre nossa ação deve ser entendida, aqui, portanto, já como ação, sempre com consequências, mesmo quando não conscientes. A ação está embutida no próprio pensamento ético ou, como diz Lacan, há ação nos dois lados da definição de ética.

É necessário deslocar o foco, da moral quotidiana para a reflexão ética, por mais uma razão, de longe a mais importante: uma análise se desenrola lidando necessariamente com coisas amorais ou, como diz Lacan, “fora do campo da moral”.

A moral está necessariamente articulada ao consciente, o campo do eu, pois visa o melhor para o indivíduo dentro de uma comunidade; já uma análise lida “no primeiro plano” com “um campo muito grande do que para nós constitui o corpo de desejos sexuais” em seus aspectos menos confessáveis. É exatamente o que Aristóteles, paradigma para Lacan do conjunto de regras de conduta articuladas ao campo egóico, coloca “literalmente, fora do campo da moral,” “dentro da dimensão das anomalias monstruosas”.

2.

Monstruoso? O termo precisa ser situado. Em tempos vitorianos, quando era, em princípio, monstruoso tudo do campo da sexualidade excedendo o espaço matrimonial e da reprodução, talvez fosse mais fácil perceber a posição extremada da psicanálise. Os tempos mudaram, mas sua radicalidade é a mesma, pois sempre há algo monstruoso no desejo de cada um. Pode ser insignificante ou terrível, mas em cada caso será aquilo que não se tem como “assumir” por ser incompatível com o ego e, por isso, foi parasitar, a partir do inconsciente, a cena da consciência. Admitir termos, todos, esqueletos no armário não é a verdadeira novidade. O revolucionário na prática freudiana é ser a morada de nossos monstros, necessariamente, o campo da sexualidade. Assim indica Freud quando distingue, neste grande campo, de um lado a reprodução, apanágio do eu e do coletivo, a serviço da raça; e, do outro, o gozo, morada daquilo que no indivíduo resiste a seu papel de transmissor do germen e exige um lugar para si no mundo. Somos, dessa forma, sempre um eu, pronto a interagir alegremente no mundo, e um *isso*, em nós o mais vibrante e que, por isso mesmo, leva à perda da nossa parte “comunitária”. No sexo, bocas, pernas e mãos se confundem, não há relação, não há mãos dadas e coletividade. O sexual, no sentido freudiano, espaço de diferença absoluta, sempre carrega consigo violência e morte. Vai contra as regras de vida do individual e força o eu no sentido de sua dissolução.

O perigo não é o excesso em si. Freud acrescenta um elemento qualitativo ao excesso energético. Por isso Lacan o define como gozo, no qual se apresenta uma excitação a que é imperativo dar destino subjetivo. Devemos acrescentar esse aspecto monstruoso da pulsão ao que costumamos nomear como singularidade e que surge, em uma análise, sempre marcado pela violência de um desejo.

A legitimação de toda e qualquer monstruosidade pode hoje ser requerida, caso se obtenha para ela a inclusão pelo consenso. A maioria e seu consenso é o ideal moral de nossos tempos, tanto mais quanto mais a expressão desta maioria for anônima – milhões de votos computados em tempo real informam, a cada momento, o pensamento do Outro. Em sua marcha inclusiva, o consenso flerta com tudo a ele ainda externo, mas só inclui aquilo que jogar seu jogo, que consinta trocar sua singularidade pelos papéis propostos. Decide-se, dessa forma, quem ganhará o prêmio maior do *reality show* assim como o próximo demitido de uma empresa.

3.

E uma análise, como trabalha com os monstros em nosso desejo? Para começar, exige levá-los a sério. A única coisa de que se pode ser culpado em uma análise é de “ceder em seu desejo”, sintetiza Lacan. Caracterizado o desejo como monstrosidade, ele é deslocado e radicalizado aproximando-se do excesso pulsional. Dessa forma, Lacan reserva para o termo *demanda* a parte bem definida de nossas vontades, congruente com o ego. Isto previne contra a leitura de sua exortação como a promoção de um hedonismo desenfreado. Ao contrário, o desejo é articulado a coisas estranhas, fragmentos de um gozo fora do eu, restos sem unidade bastante nem mesmo para constituírem objetos em si, razão pela qual Lacan lhes reserva apenas uma letra, “a”. Não são objetos de cobiça, são *restos*, mas têm insuspeitados poderes de verdade e certeza.

Uma análise avança topando com estes estranhos seres. Mais a chupeta que a mamadeira, mais o diário da adolescência que os grandes livros, eles compõem uma aglomeração heteróclita em alguma gaveta perdida da memória, incluindo fotos amareladas, bilhetes, rabiscos, mechas de cabelo e dentes-de-leite. São testemunhas silenciosas daquilo que em uma história concentrou o que, do gozo, não houve como subjetivar, integrar no vivido comum e, exatamente por isso, foi deixada de lado.

Por definição, os objetos “a” são fragmentos angustiantes, pois fazem parte daquilo que gravita em torno do eu, mas o tira do centro e dissolve. Por isso, uma análise não é a descoberta de uma erótica pessoal, por mais específica que seja. Ela não define práticas envolvendo objetos de desejo, mas sim, segundo Lacan, uma *erotologia*, uma exploração do modo como nossos objetos “a” coordenam os possíveis e os impossíveis de nosso ser sexuado. Eles desenham, para cada sujeito, uma esquina só dele onde, invariavelmente, topou (e topará) com a indizível surpresa do gozo. Leia-se o “Porquinho da Índia” de Manuel Bandeira:

Porquinho-da-Índia

Quando eu tinha seis anos/ Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava/ Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele prá sala/ Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava: Queria era estar debaixo do fogão. Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
— O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

É um monstro tornado bichinho que, apesar disso, mantém seus poderes de ruptura, causando surpresa. O poema demonstra como a lida com a libido, tomada como objeto, pode produzir efeitos impensáveis. “Porquinho-da-Índia” é a libido tornada objeto graças a essa nomeação, localizando um gozo que não é apenas perigo e excesso, mas eventualmente presença companheira, mesmo se apenas sob o fogão.

4.

Alguém poderia argumentar que o procedimento de Bandeira nada tem a ver com a sexualidade, pois pouco poderia haver de encontro sexual com um porquinho do passado. O mesmo efeito se encontra, porém, neste poema:

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna
Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Há algo nos “olhos que nasceram dez anos antes do corpo” guardando o que é de Teresa e de mais ninguém. Este grão de singularidade ganha a forma de um resto, fora do corpo, mas intimamente a ela vinculado, exatamente como Lacan define seu objeto “a”. O poema transmite o modo como o Outro nos afeta e, creio, marca como o impossível da relação é ao mesmo tempo o lugar onde se desencontram sujeito e Outro, no exercício da sexualidade.

A proeza do poeta é conseguir passar a público o monstruoso de sua singularidade e ela passar a tomar parte de sua vida. É uma “inclusão” muito distinta da moral em vigor nos estudos culturais, por exemplo, mais é ainda assim inclusão, que ganharia em ser distinguida do conceito de sublimação. Não poderemos fazê-lo aqui, basta assumir que para manter a analogia da operação de Bandeira com o processo analítico é preciso ter em mente que uma análise irá tão longe, na direção da singularidade dos fragmentos significantes, a ponto destes só terem valor para quem os leva consigo. Tais e quais, nos confins do sentido compartilhado, não servirão a nenhuma criação poética ou artística.

5.

O porquinho-da-Índia de Bandeira ou seus laços com os olhos de Teresa não constituem nenhuma prática erótica alternativa, mas são operações “erotológicas” que fazem um objeto “a” ganhar lugar no Outro reorganizando o campo do desejo.

Por esta razão, Lacan, ao final de seu seminário sobre a ética, coloca o desejo, bem próximo neste contexto do que tendemos a chamar pulsão, no centro da ética psicanalítica; mas apenas ao preço de um paradoxo. Ele só pode ser parâmetro de nossa ação como uma “medida infinita”. Dez anos depois, porém, em “Televisão”, encontra maneira de afastar o paradoxo, ao deixar o desejo em segundo plano e definir a psicanálise como uma ética do *bem-dizer*.

Não é *dizer o Bem*, instaurar o ideal no discurso, como se houvesse cura para o irremediável da linguagem com relação ao real. Nem é tampouco *dizer bem*, instaurar um discurso ideal, buscando o melhor possível a cada vez, na obrigação de ser o melhor sempre. É *dizer*, pois ele é quem conta, não há como elevar-se acima dele. Somos o que dizemos. E é *bem* porque, dentro das coordenadas significantes de uma existência, é o dizer que dá ao desejo seu lugar, pequenos monstros cheios de vida, sempre insistindo, nunca consistindo.

Com relação a esta ética, por erigir estes objetos como objetos para sempre perdidos, a tristeza é um pecado, na conhecida referência que situa a tristeza como covardia. A ética do bem-dizer, porém, não apenas delimita pecados, mas ao menos uma virtude, definida por Lacan como *gaio issaber* [*gay sçavoir*] em referência a Nietzsche, certamente, mas também a Espinosa. O vigor dançarino de Dionísio e a alegria — como paixão do que nos aumenta a potência de agir — poderiam ser caminhos para nos aproximarmos do indicado por Lacan. Seguirei, porém, outra via, com o contra-exemplo fornecido por ele de Dante. Quando viu Beatriz, uma única vez, apaixonou-se pelo resto da vida. Bastou um detalhe, um olhar, um “batimento de pálpebra”, para sua paixão durar nesse e noutros mundos (ela chega a aparecer no inferno para ajudá-lo, quando em sua Divina Comédia se vê perdido).

No extremo oposto da fixação de Dante no objeto de sua paixão, o *gaio issaber* é, segundo Lacan, deixar-se fisgar pelo sentido, sem nele se “envisgar”. Em lugar de erigir para nosso objetos “a” um sentido maior, com a força do divino pode-se retroceder aos limites do sentido, às raízes contingentes desses elementos significantes e construir com eles, tal como Bandeira e seu fogão, a *cena primária* de suas coordenadas de gozo. Não haverá libertação de seu tracejado em nós constituindo o que Lacan chamou de fantasia fundamental, mas apenas esta inclusão erotológica, outro modo de dizer, talvez, “saber lidar” [*savoir y faire*] com seu gozo.

O *gaio saber* de Lacan afasta-nos da divinização do vazio, de uma ética do elevamento, sublimatório, da promoção de um fora do sentido etéreo, e põe nossos pés no chão por deixar

evidente: o *nonsense* do riso afasta a apologia do indizível por evidentemente ser impossível sem as palavras.

6.

Não é uma técnica. É percorrer as arestas da vida, pronto para pegar alguma coisa em uma ação por Lacan caracterizada como *piquer* — cujo significado é “roubar”, mas também “furar”, “espetar” — afinado com o “senso da oportunidade”, definido por J. A. Miller como a principal qualidade do analista. Esse trabalho de construção pode ser vivido com o sentido do divino, do escândalo, da vergonha ou do horror. Com seu gaio saber, Lacan nos lembra: nisso pode-se também rir.

Estamos sempre às voltas com o grandioso e o ridículo de nossas ações e pretensões. Afora essa comédia humana básica, as formações do inconsciente exploradas por Freud demonstram como somos capazes de viver algo mais: dos erros cometidos ao absurdos de que somos capazes, do *nonsense* com o qual flertamos aos chistes que nos dizem. Lacan distribui este algo mais da experiência analítica na manifestação de algo que em nós sonha, ri e fracassa [*ça rêve, ça rit, ça rate*].

Os sonhos balançam as certezas apoiadas no “pão-pão, queijo-queijo” da realidade quotidiana por apresentar um real que, mesmo ensandecido, às vezes vale mais. Os tropeços e seus fracassos nos guardam das curas e soluções onipotentes e conduzem ao estilo, que só desponta quando em nossas obras os vícios são coautores. Finalmente, o riso assinala como a lida com os restos de nossas fantasias pode ser divertida. Com ele, quero concluir.

Não me refiro à gargalhada provocada pela comédia. Mesmo em sua versão pastelão, caricata e reduzida, da torta no rosto do chefe, ela sempre deve sua força a um triunfo. É descarga resolvendo um acúmulo de tensão, mas invariavelmente tomada em um contexto épico, de opressão e libertação. Já o riso de que fala Freud é o de um gozo liberado da epopeia, que economiza o drama e apenas se diverte.

Ele só é possível graças à liberdade com relação ao cristal da língua, que caracteriza as formações do inconsciente. Estas não são constituídas pelo comovente das significações, mas pela argamassa invisível do discurso, os significantes. São tributárias do que Freud chamou processo primário, em nada primitivo, apenas mais afeito à matéria-prima da linguagem do que às abstrações cômicas por ela sustentadas.

A exigência ética a presidir o dispositivo analítico é fazer caber a satisfação de uma fantasia fundamental, até então apenas vislumbrada, na vida que se leva. Surpresa: levada a sério, esta exigência descobre a certeza de que, só espremida nas entrelinhas do viver, esta satisfação se oferece. O riso é inevitável, irônica constatação do fora de esquadro da existência, necessariamente composta, como lembra Lacan, em verdadeira colagem surrealista.

Notas

Moral e ética - S7: 10;

O “Sentido da ação” - S7: 374;

Reflexão e ação - S7: 372;

“Monstruoso” - S7: 14;

Freud, soma e gérmen - ESB-XVIII: 219;

O desejo como medida infinita - S7: 385 e 386;

Restos: Vieira, 2008.

Erótica e erotologia - S10: 18 e 24;

Riso: *Meu ensino* - 92 e OE: 524;

Senso da oportunidade - Miller, J. A., p. 37;

Gaio saber - OE: 508-543

Bandeira, M. 1986 - 208 e 214.

Colagem surrealista - S11: 161.

Referências

- Bandeira, M. *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986.
- Freud, S. [1920] "Além do princípio do prazer", vol. XVIII, 17-89. *Edição Standard Brasileira Completa das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.
- _____. *O Seminário*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.
- [1959-60] *Livro 7: A ética da psicanálise*, 1988.
- [1962-63] *Livro 10: A angústia*, 2005.
- [1963-64] *Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1988.
- _____. [1968], *Meu ensino*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2006.
- _____. A "formação" do analista, *Opção lacaniana*, p. 37, set 2003, p. 15.
- Vieira, M. A. *Restos, uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Seminário sobre os caminhos
da formação de sintomas

Setembro 2011

60

OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edigley Erika
Rua Albuquerque Lima 902/212 01230-000
São Paulo - SP - Brasil - Fax: (5511) 5826-9733

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acesso em "La Lettre Mensuelle" da Ecole de la Cause freudienne

Integra a rede Seliot III que reúne ao lado de *Onix* as seguintes publicações:
Clipse, Belo Horizonte; *Quadernos de Psicanálise*, Bilbao; *El Psicoanalista*, Madrid;
Freudiana, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris; *La Psicanálise*, Roma;
La Psychanalyse, Atenas; *Motus*, Paris-Reims; *Opção Lacaniana*, São Paulo; *Signos*, Brasília

FUNDADORES: Arnaldo Boneti, Argêzina Hazari, Beneditino Home, Luis Henrique Valdigliani

DIRETOR: Jacques-Alain Miller

EDITORA: Argêzina Hazari

COORDENADOR: Teresinha N. Meirelles do Prado

COLABORADOR: Cynthia Nunes de Freitas, Heloisa Caldas (Tradução)

Joana Carneiro Lima, Marcus André Vieira (Cláudia), Rosi Maria Rodrigues dos Santos,
Teresinha N. Meirelles do Prado (Discutiva e Revisão Técnica)

DIAGRAMAÇÃO: Angeli Mendes e Fabiane Sardes

TUDO DA CAPA: Sonia Guggisberg

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*
por e-mail ou desejarem difundir-la, podem dirigir-se à
edição pelo e-mail opclacanianas@gmail.com.